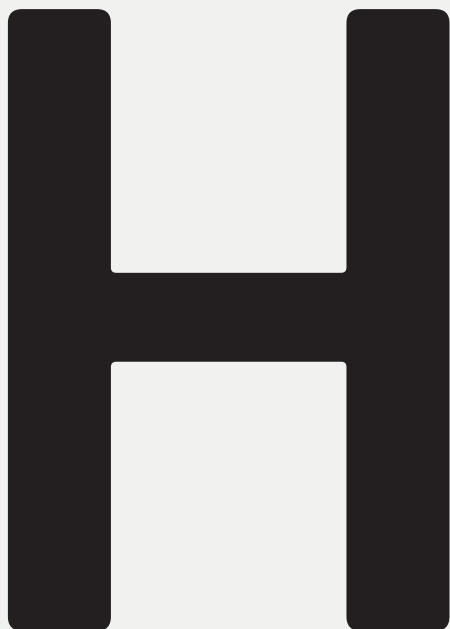


MENSAGEM DA PRESIDENTE

**GABRIELA FIGUEIREDO DIAS**

Presidente do Conselho de Administração da CMVM

Nas próximas páginas encontrará o relato de um ano em que os investidores ficaram mais protegidos, a regulação foi simplificada e a supervisão tornou-se mais eficiente e focada. Estes são resultados de uma estratégia assente numa atitude de abertura e diálogo com investidores, supervisionados, outros reguladores e parceiros, que alia a simplificação e a clareza, ao rigor e à exigência interna e externa.



á um ano, nestas mesmas páginas, falei-lhe de “mudança”.

Hoje venho falar-lhe de resultados, dos primeiros passos de consolidação de uma estratégia e de melhor serviço público. Nas próximas páginas encontrará um relato sobre investidores mais protegidos, regulação mais simples, supervisão mais eficiente e focada, cooperação reforçada e uma relação mais intensa e rica com os investidores, os supervisionados e com a sociedade.

Com uma organização e objetivos renovados na segunda metade de 2017, enfrentámos 2018 com a motivação e a determinação que os desafios do nosso mercado e da supervisão nos exigem. Assumimos de forma cada vez mais consistente que, sem perder o foco no rigor, na exigência e nos valores que nos enformam, estamos do lado das soluções para os problemas dos investidores e de um mercado onde ainda persistem sinais de falta de confiança. Com esse propósito, procurámos, e continuaremos a procurar, instituir e consolidar uma atitude de abertura, diálogo, simplificação, rigor e exigência, serviço e proximidade, concretizada em todas as dimensões da nossa atuação.

Apesar do volume inédito de regulação que produzimos, sobretudo por força da finalização de projetos regulatórios europeus a favor da proteção dos investidores, com destaque para a DMIF II, não prescindimos de um crescente envolvimento dos nossos supervisionados nessas propostas, através de iniciativas de discussão aberta e uma postura de escuta ativa, identificando, em conjunto, as dificuldades e as melhores alternativas. Evoluímos nos modelos de relacionamento com os supervisionados, centrando-nos na informação e prevenção, na proximidade, numa atenção crescente à dimensão prudencial da supervisão, na identificação de redundâncias regulatórias e de supervisão, na eliminação progressiva e já significativa de requisitos informativos desproporcionais ou menos úteis, na redução dos prazos de reação às solicitações dos supervisionados.

Em paralelo, inovámos na nossa ação de supervisão, quer no seu objeto, como a supervisão prudencial de determinadas entidades ou a integração de novas dimensões de análise da prevenção do branqueamento de capitais e do financiamento do terrorismo nos planos de supervisão, quer na abordagem e metodologia, progressivamente mais centradas no risco e em considerações de estabilidade financeira. Demos igualmente os primeiros passos num novo modelo interno de gestão e governo da informação que responde às exigências

colocadas pela quantidade crescente de dados que temos à nossa disposição na sequência dos desenvolvimentos regulatórios dos últimos anos.

Não ignoramos as vulnerabilidades que persistem no nosso mercado, que em 2018 foram adensadas pela incerteza geopolítica, episódios de volatilidade, desempenhos negativos em alguns segmentos de mercado e abrandamento do crescimento. Mas é exatamente esse enquadramento que nos desafia, que nos lança continuamente na identificação de causas e respostas e que nos faz valorizar os sinais animadores de diversificação e de retoma que também observámos. O número de prospectos (de obrigações e de ações) aprovados em 2018 excedeu em muito os números dos últimos anos, revelando um novo dinamismo e a crescente consciência das empresas da importância do mercado como fonte de financiamento. A mesma dinâmica faz-se sentir no número de registos de novas entidades, entre as quais sociedades de capital de risco, três plataformas de crowdfunding, uma das quais admitida a mercado, o início de atividade da primeira sociedade de investimento mobiliário para fomento da economia (SIMFE), o registo da primeira sociedade de empreendedorismo social ou a entrada em vigor do regime das sociedades de investimento e gestão imobiliária. Pela primeira vez, começou também a ser equacionada, com o empenho da CMVM, uma proposta de criação de um regime para fundos de crédito.

Mesmo as hesitações, no final do ano, de algumas empresas que planeavam entrar em mercado devem ser vistas como sinais positivos de vontade e interesse que não se observavam há anos. Quando decidirem concretizar os seus planos, essas e outras, sabem hoje que podem contar com um regulador e supervisor exigente, mas empenhado em garantir um enquadramento regulatório simplificado, uma atuação eficiente e transparente, e que se coloca ao serviço do desenvolvimento do mercado e da proteção do investidor, bem como da responsabilização e envolvimento de todas as partes na promoção de soluções de mercado para as necessidades de poupança, financiamento e investimento de empresas e famílias.

A nossa viragem ao exterior e a determinação de uma atuação de proximidade com os nossos supervisionados foi integrada e transversal. Acreditando que a credibilidade e a reputação do regulador constituem um fator importante de criação de confiança dos investidores, questionámos mais de mil pessoas, entre supervisionados, investidores, advogados, associações, estudantes e sociedade civil, sobre o que estamos a fazer bem e menos bem, e o que podemos melhorar. Investimos em novas medidas e suportes de comunicação, que permitem à comunidade conhecer-nos melhor e conhecer, através de nós, o que se faz nos mercados e confiar na tutela que lhes dispensamos. Este é um caminho que aprofundaremos. E porque a supervisão integra, hoje, modelos e realidades mais alargados e os mercados são, cada vez mais, globais, reforçámos a nossa aposta na internacionalização, promovendo o alinhamento e a cooperação face a desafios tão relevantes como o Brexit, mas também procurando a sofisticação do conhecimento e uma maior capacidade de influên-

cia, em particular na ESMA, na IOSCO e na OCDE, através de uma participação ativa tanto ao nível técnico como de administração. No segundo semestre de 2018, assumimos ainda a Presidência do Colégio de Reguladores da Euronext.

No contexto nacional, promovemos com sucesso um movimento de aproximação aos outros reguladores, sobretudo do setor financeiro, incluindo a inauguração de supervisões conjuntas, com resultados muito relevantes. Incluímos a Academia no nosso círculo de relacionamento próximo, através da celebração de protocolos e de iniciativas partilhadas, designadamente na área da inovação financeira. Integrámos modelos associativos com outros reguladores e entidades do mercado, como o Portugal Finlab, o Plano Nacional de Formação Financeira ou o Portugal In, através dos quais procurámos eliminar barreiras entre os agentes económicos nacionais e internacionais e os reguladores, promover de forma segura a inovação e reforçar a literacia financeira.

Este foi também o ano em que, de forma mais clara, interiorizámos e sinalizámos os riscos e as tentações dos modelos orientados por objetivos de curto prazo, fazendo da sustentabilidade uma marca da nossa gestão interna, através de ações concretas de proteção ambiental e social; mas também pela exploração das suas possibilidades e limitações nas práticas de mercado, através de iniciativas de partilha e discussão pública; e da integração ponderada de considerações ambientais, sociais e de governação nos nossos modelos e preocupações de supervisão.

A segurança com que lhe escrevo estas linhas nasce dos resultados que poderá ler nas próximas páginas, mas também da confiança de quem está a gerir uma equipa globalmente motivada e por sua vez motivadora, que continua, dia a dia, empenhada à procura dos melhores caminhos para cumprir a sua missão. Merece por isso nota o programa de transformação organizacional e digital que iniciámos em 2018, que se prolongará até 2020 e do qual já estamos a beneficiar. Hoje dispomos de um novo modelo de carreiras e avaliação, transparente e assente na meritocracia; lançámos inquéritos de compromisso e de clima social, fundamentais para uma gestão de alto nível dos recursos e da organização; reforçámos a comunicação interna e iniciámos uma reflexão sobre as condições de equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, tendo criado, por exemplo, condições para o teletrabalho, assegurando políticas de paridade e valorizando e apoiando as responsabilidades familiares; demos os primeiros passos num modelo de planeamento organizacional com metas e indicadores anuais; reforçámos a formação e estamos a trabalhar intensamente no desenvolvimento de ferramentas mais sofisticadas de gestão e análise de informação, e de otimização da relação digital com todas as partes interessadas. Em suma, a exigência com que abordamos o mercado é também a exigência que colocamos a nós próprios. E é daí que nasce a certeza de que, daqui a um ano, lhe estarei a escrever sobre as melhorias significativas no serviço que prestámos à sociedade.